



Samuel Colay/Locarno Festival

#cm
2
SEGUNDA-FEIRA

É (sempre) tempo de

Júlio Bressane

Prestes a **completar 80 anos** de vida, o **mítico diretor** abre festival mineiro com **exercício sobre o Tempo**, finaliza longa novo e tem **dois títulos inéditos** para levar ao circuito. Pág 2

'Silêncio entra de modo intuitivo no que eu faço'



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Faltam umas três semanas para o carioca Júlio Eduardo Bressane de Azevedo soprar as velinhas de seu aniversário de 80 anos. Fã dele, a Mostra de Tiradentes antecipou as celebrações no fim de semana que passou. Coube ao diretor, um dos titãs da autoralidade em nossas telas, abrir a 29ª edição do festival mineiro com um experimento dirigido a quatro mãos com Rodrigo Lima, cujo título é “O Fantasma da Ópera”. Em pouco mais de 25 minutos, a câmera percorre um set, onde rodou-se “Pitico”, longa ainda inédito da grife bressanista, com Paulo Betti. A ideia desse percurso é revelar aquilo que normalmente permanece invisível quando um filme montado vai à tela grande: o trabalho de pesquisa entre os takes. O assunto ali é Tempo. O tempo suspenso da criação, o cinema em permanente devir.

Longe de ser um documentário convencional, esse exercício autoral se constrói como um making off especulativo, no qual imagem e pensamento se encontram de forma sensível, reflexiva e livre de amarras narrativas. Evoca a História do Brasil como se fosse fabulação. É um gesto ousado para se abrir uma maratona cinéfila. Curtas dificilmente cumprem esse papel. Só que Tiradentes se pavimenta na ousadia.

Inaugurada em 1998, a Mostra ganhou protagonismo no ciclo anual dos festivais de cinema do país, capaz de superar, em pouco tempo, a fama de eventos mais antiga. Por isso, inaugurar sua programação com um artesão avesso a qualquer forma de concessão, como Bressane, não é um gesto que cause estranheza naquele público, concentrado no coração das Gerais.

Em 2025, Bressane correu mundos, em eventos como o Bafici, em Buenos Aires, e a Mostra de SP, com “Relâmpagos De Críticas Murmúrios De Metafísicas”, também feito em duo com Rodrigo Lima, que virou seu parceiro fiel de montagens.



Divulgação



Divulgação

Bressane (de barba longa) em fragmento de ‘O Fantasma da Ópera’, curta que abriu a Mostra de Tiradentes

‘Leme do Destino’ é outro longa inédito do realizador carioca



Divulgação

‘Relâmpagos de Críticas Murmúrios de Metafísicas’ segue inédito em salas comerciais

“A ideia de ‘político’ para definir o que eu faço é temerária, pois é um clichê que não dá conta de que tudo na realidade é político”

JÚLIO BRESSANE

Sua narrativa, ainda inédita em salas comerciais, concentra seu foco sobre a edição de 48 filmes brasileiros realizados entre 1898 e 2022. Cada fotograma revisitado expõe uma memória, uma verdade e, sobretudo, um ruído.

“Silêncio entra de modo intuitivo no que eu faço, mas numa lógica de trilha sonora, como um vetor que se articula com o som das palavras e da música”, disse Bressane em entrevista ao Correio da Manhã, quando

iniciada “Relâmpagos...”.

Antes, o cineasta rodou “Leme do Destino”, com Simone Spoladore, Josie Antello, Débora Olivieri e João Vitor Silva, que segue inédito em circuito desde 2023. Nessa pérola narrativa, duas mulheres, amigas de longa data, vivem uma estória de amor. Ambas escrevem. São escritoras que escrevem para si e não para publicar. Escrevem como uma maneira de viver. A conversa entre elas, os desejos, a arriscada existência e



Divulgação

‘Capitu e o Capítulo’ tem Mariana Ximenes em estado de graça

seus fantasmas, o privilégio da ferida e da danação, atravessam a fala, são uma confissão.

Depois de ter mobilizado (leia-se “encantado”) o Festival de Roterdã, na Holanda, com as sete horas e 12 minutos de seu “A Longa Viagem do Ônibus Amarelo” (2023), Bressane, cultuado como um dos pilares do chamado “cinema de invenção” no país, volta a desafiar ortodoxias com “O Fantasma da Ópera”, num momento em que ce-

lebra os 60 anos de sua estreia como realizador. Sua obra foi iniciada em 1966, com “Lima Barreto – Trajetória” e “Bethânia Bem de Perto - A Propósito de um Show”, que pode ser vista via streaming no Curta! On e na Amazon.

“Pra mim, três pessoas é uma multidão”. Essa frase de Bressane é uma referência ao fato de o cinemão reagir mal ao experimentalismo radical do diretor de cults como “Filme de amor” (2003), que faz muito espectador mais acomodado deixar a sala de exibição com pouca paciência diante da apoteose filosófica que caracteriza seu jorro de imagens. Um jorro que faz dele um gigante autoral.

Quem assina a plataforma digital do Telecine ou a Prime Video consegue ver, online, seu longa mais pop: “Capitu e o Capítulo”, produção laureada com os prêmios de Melhor Filme e Melhor Direção no Fest Aruanda, em 2021. Ali, Bressane aplica sua estética a escritos de Machado de Assis (1839-1908), discutindo esquecimentos. “A memória é um depósito de profecias”, disse o cineasta, numa passagem pelo Festival de Locarno, quando lançou o seminal “Sedução da Carne” (2018), com Mariana Lima.

À época em que o Fest Aruanda exibiu “Capitu e o Capítulo” – que confia sua personagem título a uma outra Mariana, Ximenes, em estado de graça em sua atuação –, Bressane posicionou-se com elegância em relação a pleitos de politização em relação às contradições do país. “A ideia de ‘político’ para definir o que eu faço é temerária, pois é um clichê que não dá conta de que tudo na realidade é político. A questão urgente que se faz notar numa discussão como essa é outra: o problema de educação é nossa maior carência. E diante dele, estamos engatinhando em direção a um dos destinos naturais do Homem, que é ir na reta da mediocridade”. Contra tudo o que existe de medíocre no Brasil, ele gerou cults como “Brás Cubas” (1985) e “A Erva do Rato” (2008), mesclando semiótica e filosofia existencial no estudo de uma prosa, a machadiana, que, segundo o diretor, “germinou a língua portuguesa”.

Noutras latitudes, legou ao país achados como “Cleópatra” (2007), “O Mandarim” (1995), “Tabu” (1982), “O Rei do Baralho” (1973), “O Anjo Nasceu” (1969) e, agora, graças à vitrine de Tiradentes, “O Fantasma da Ópera”.

Nesta segunda, a competição mais acirrada do festival mineiro, chamada Aurora, segue em ação com a produção do Distrito Federal “Sabes De Mim, Agora Esqueça”, de Denise Vieira, ligada ao coletivo da região da Ceilândia. Na trama, Rubia está em fuga quando o comboio em que viajava quebra. Resgatada por Margô, dona de um dos poucos cabarés que sobrevivem à repressão, ela descobre um segredo guardado por séculos, no fundo de um corredor.



Michael Ochs Archives

A suntuosidade marcou o trabalho de concepção de figurinos e cenários de 'Barry Lyndon'

Estação Kubrick

Em meio às comemorações dos 50 anos depois de seu lançamento, o cultuado 'Barry Lyndon' ganha sessão na mítica sala da Voluntários da Pátria e inspira uma nova geração de críticos

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Reverenciado por cineastas do mais alto quilate autoral (entre eles, Domingos Oliveira e Kleber Mendonça Filho), "Barry Lyndon" (1975) chegou aos 50 anos com direito a tributo em Cannes e sessões especiais em salas da Europa e dos EUA, onde diferentes gerações puderam conferir, em tela grande, todo o esplendor visual alcançado pela genialidade da direção de Stanley Kubrick (1928-1999). Depois de uma projeção na seção Classics da Croisette, a produção de US\$ 12 milhões, baseada na prosa de William Makepeace Thackeray (1811-1863), traz sua versão restaurada em 4k (enfim) para o Brasil. Tem projeção desta joia às 20h30, no



Warner Bros.

Stanley Kubrick fez do perfeccionismo a marca de seu cinema autoral... e diverso

Estação NET Botafogo, no evento Classiquíssimos, já tradicional no multiplex da Voluntários da Pátria.

Sua restauração seguiu as instruções de uma carta enviada por

Kubrick, em 8 de dezembro de 1975, a projetoristas, com exigências acerca de como o longa deveria ser exibido. Uma digitalização do negativo original em 35 mm foi feita sob a supervisão de Leon Vitali, assistente pessoal do mítico cineasta. Sua busca obses-

“*Eu queria criar uma imagem que nunca traísse sua época. A luz tinha que parecer natural, como se estivesse vindo de um tableau vivant, de um quadro vivo”*

STANLEY KUBRICK

siva pela perfeição cercou a trama, ambientada no século XVIII, de folclores, galvanizados pela conquista de quatro Oscars (Figurino, Direção de Arte, Trilha Sonora e Fotografia).

Ímã de aplausos em Cannes, o épico extraiu um desempenho impecável de Ryan O’Neal (1941-2023), então no auge de sua popularidade, após “Love Story” (1970) e “Lua de Papel” (1973), que o fez ir além do rótulo de galã. Ele vive Redmond Barry, um alpinista social irlandês oportunista do século XVIII, descrito por Thackeray como um trapaceiro, que se casa com uma viúva rica para assumir uma posição aristocrática. Seu nome na nobreza passa a ser Barry Lyndon. Em meio a duelos, traições e mortes que cercam sua

jornada em busca de dinheiro, Kubrick pinta um quadro cínico e cruel do mundo de “sangue azul”.

Na iluminação das cenas, o bruxo nova-iorquino que adotou o Reino Unido como seu bunker exercitou sua destreza técnica ao máximo. Ele almejava que “Barry Lyndon” lembrasse pinturas de mestres do século XVIII, como Johannes Vermeer (1632-1675) e Antoine Watteau (1684-1721). Para conseguir essa façanha, algumas cenas foram filmadas à luz de velas, usando lentes especiais desenvolvidas inicialmente para a NASA.

“Eu queria criar uma imagem que nunca traísse sua época”, explicou o realizador de “Laranja Mecânica” (1971), em depoimento publicado no site oficial de Cannes. “A luz tinha que parecer natural, como se estivesse vindo de um tableau vivant, de um quadro vivo”.

Um dos causos de bastidor mais famosos do longa, que arrecadou cerca de US\$ 20 milhões na venda de ingressos, envolve a opção de Kubrick em fazer com que as roupas dos personagens fossem confeccionadas apenas com tecidos de época, dos 1700, sem nenhuma alteração.

Depois do sucesso retumbante de “2001: Uma Odisseia no Espaço” (que, em 1968, custou US\$ 10,5 milhões e faturou US\$ 146 milhões), Kubrick alcançou prestígio suficiente para se mudar pra Inglaterra e viver em reclusão, filmando quando e como queria. Nesse isolamento dos holofotes, ele se dedicou a um projeto – sobre o qual escreveu um misto de argumento e catálogo de referências de cerca de 500 páginas – sobre a vida do Imperador Napoleão Bonaparte, que não conseguiu filmar. Atualmente, seu amigo e fã Steven Spielberg anunciou que vai transformar a saga napoleônica de Stanley em uma minissérie para a plataforma MAX, onde é possível encontrar pérolas de sua trajetória autoral, como “O Iluminado” (1980), “Laranja Mecânica” (1971) e “Lolita” (1962).

“Já me perguntaram algumas vezes por que todos que amam a sétima devem assistir aos filmes de Stanley Kubrick”, avalia o resenhista Gustavo Valente, que dedicou um trecho de seu livro “Momento Crítico” à estética kubrickiana. “Alguns dos motivos: o perfeccionismo Noir de ‘O Grande Golpe’; o travelling pela trincheira em ‘Glória Feita de Sangue’; as performances de Peter Sellers, George C. Scott e Sterling Hayden em ‘Dr. Fantástico’; a humanidade incompreendida de Hal 9000; a estilização máxima e o poder argumentativo de ‘Laranja Mecânica’; a gradativa insanidade sofrida pelo personagem de Jack Nicholson em ‘O Iluminado’; o segmento inicial de ‘Nascido Para Matar’; e o desfile de máscaras (literal e metafórico) em ‘De Olhos Bem Fechados’. Espero que eu tenha te convencido”.

CORREIO CULTURAL



Divulgação Sesc RJ

O teatro de arena do Sesc Copacabana integra o circuito

Inscrições abertas para o Edital Pulsar

O Sesc RJ abriu inscrições para a sexta edição do Edital Pulsar, destinado à seleção de projetos culturais para a programação de 2027/2028. As inscrições são gratuitas e ocorrem entre 30 de janeiro e 20 de março pelo site www.sescrj.org.br/pulsar. O investimento total é de R\$ 36 milhões, distribuídos entre sete categorias: Artes Visuais, Audiovisual, Circo, Dança, Teatro, Literatura e Música.

Cada proponente pode inscrever até três projetos, sendo selecionado apenas um por categoria. A edição anterior recebeu cerca de 5 mil inscrições de todo o país e selecionou 329 projetos, que resultaram em mais de 2 mil apresentações nas unidades do Sesc RJ e espaços parceiros, alcançando 1 milhão de pessoas. O edital foi criado em 2021 para reativar o setor cultural após a pandemia.

Ballet Manguinhos seleciona

O Ballet Manguinhos realiza pela primeira vez seleção presencial para ingresso no ballet clássico. O exame ocorre dia 24 de janeiro, às 13h, na sede do projeto, na Avenida dos Democráticos, 535. Podem participar crianças e adolescentes entre 6 e 18 anos. Os candidatos devem estar acompanhados de responsável legal e apresentar RG, CPF, comprovante de vacinação e de residência. A vestimenta indicada inclui blusa e legging para meninas, e bermuda com camisa para meninos. Aprovados podem matricular-se no local de imediato.

Negritudes no ar

Nesta segunda-feira (26), a partir das 20h, o Canal Brasil exibe uma programação especial da faixa Negritudes, com destaque para a estreia do longa “O Deserto de Akin”, dirigido por Bernard Lessa. A seleção reúne ficções, documentários e obras musicais de diferentes períodos.

Luana Piovani solta o verbo no Rival

Conhecida por não ter papas na língua, Luana Piovani participa nesta segunda (26), às 19h30, do projeto Conversa de Bar, idealizado pelo jornalista e cineasta Pedro Henrique França. Uma das maiores vozes sobre as diversas violências e injustiças contra a mulher, a atriz radicada em Portugal promete soltar o verbo ao tratar de temas como Lei Maria da Penha e etarismo. Grátis

Negritudes no ar II

Serão exibidos “Pixinguinha, Um Homem Carinhoso”, de Denise Saraceni e Allan Fiterman; “Simonal – Ninguém Sabe o Duro que Dei”, de Claudio Manoel, Micael Langer e Calvito Leal; “A Sede do Peixe – Milton Nascimento”, de Carolina Jabor e Lula Buarque de Hollanda, entre outros.



Divulgação



Bruna Latini/Divulgação

‘King Kong Fran’, um painel ácido sobre a relação homem-mulher

Jogo do machismo é invertido no palco

Assistido por mais de 100 mil espectadores em dois anos, o solo ‘King Kong Fran, de Rafaela Azevedo, tem apresentação única no Teatro Riachuelo nesta terça

“Faça tudo que eu mandar. Caladinho, que vou te ensinar. Tira a roupa, baby”. A frase, cantada pela palhaça Fran em uma paródia de “Toxic”, de Britney Spears, marca a entrada da personagem no espetáculo “King Kong Fran”, que retorna ao Teatro Riachuelo Rio em apresentação única nesta terça-feira (27). Logo de cara, a provocação está dada: o monólogo, que já atingiu mais de 100 mil pessoas em teatros do Brasil e da Europa, propõe uma inversão radical dos papéis de gênero.

Criada em 2013 pela atriz Rafaela Azevedo, a personagem nasceu como uma resposta visceral ao machismo cotidiano. Com codireção e codramaturgia de Pedro Brício, além de direção musical de Letrux, a montagem usa o humor ácido e o deboche para colocar os homens no lugar de objetos de desejo. A estratégia é simples e devastadora: fazer com que eles experimentem, ainda que por uma hora, a sensação de

“Todas as frases e dramaturgias que criei são coisas que eu ouço, ditas com naturalidade por um ex-namorado, pelo marido de uma amiga ou em uma conversa entre os caras, na qual eles objetificam mulheres”

RAFAELA AZEVEDO

serem objetificados, assediados e desrespeitados.

“Todas as frases e dramaturgias que eu criei para a Fran são coisas que eu ouço, ou seja, que foram ditas com naturalidade por um ex-namorado, pelo marido de uma amiga ou em uma conversa entre os caras, na qual eles objetificam mulheres, mas nunca problematizam isso”, explica Rafaela, que além de atuar, assina a produção do trabalho. O espetáculo se tornou fenômeno nas redes sociais e nos palcos, conquistando indicações ao Prêmio do Humor 2023 nas categorias Melhor Performance, Melhor Espectáculo e Melhor Direção.

A fusão entre circo e teatro é a espinha dorsal da encenação. Partindo de referências como a atração circense “Monga, A Mulher Gorila” e o clássico “King Kong”, Fran se transforma em uma espécie de criatura híbrida que expõe, com irreverência, temas espinhosos como assédio, abuso, consentimento e violência de gênero. “Na comunicação com o público, sobretudo o feminino, a Rafa expõe de uma maneira muito crítica os papéis sociais do homem e da mulher. E como ela consegue inverter o jogo”, destaca Brício.

Formada em atuação pela Casa das Artes de Laranjeiras em 2011 e com passagem pelo Polo Carioca de Circo na Escola Nacional de Circo, Rafaela expandiu o universo de Fran para além dos palcos. A personagem hoje tem perfil no Instagram, podcast próprio (FranCast), reality show e até um livro publicado pela editora Cobogó, que reúne o texto completo da peça e ensaios de Viviane Mosé, Letrux, Maria Ribeiro e ilustrações de Juliana Montenegro.

SERVIÇO

KING KONG FRAN

Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, 38 - Cinelândia)
27/1, às
Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 150

Roberto Ribeiro, teu nome é saudade

Leo Russo e Mauro Diniz lançam samba inédito em homenagem ao artista morto há 30 anos

AFFONSO NUNES

Trinta anos depois da morte de Roberto Ribeiro, um dos intérpretes mais importantes da história do samba, o cantor e compositor Leo Russo presta tributo ao artista com o lançamento do samba inédito “A Voz de Roberto Ribeiro”, composto em parceria com Mauro Diniz. A canção chega ao público nesta sexta-feira marcando uma data simbólica: em janeiro de 2026, completa-se exatamente três décadas do falecimento do sambista carioca, que se estivesse vivo celebraria 85 anos.

A homenagem ganha contornos ainda mais afetivos pela presen-



Leo Russo e Mauro Diniz contam que o processo de criação da composição fluiu naturalmente

ça da família de Roberto Ribeiro no projeto. Liettede Souza, viúva do cantor, ao lado do filho Alex Ribeiro e do neto Junior Ribeiro, participaram das gravações do clipe, filmado parcialmente na casa onde o artista viveu, no bairro do Anil, em Jacarepaguá. O registro audiovisual, realizado em estúdio,

mostra Leo Russo e Mauro Diniz interpretando juntos a composição que costura memória e reverência ao legado de um dos maiores nomes do samba brasileiro.

Filho do sambista Monarco, Mauro Diniz revela que a parceria com Leo Russo nasceu de forma espontânea, mas profundamente

conectada à sua própria história com Roberto Ribeiro. “Existia um vínculo afetivo muito forte. Ele gravou muitos sambas do meu pai, o nosso saudoso Monarco, e eu também tive a honra de ter dois sambas meus gravados por ele”, conta Mauro, destacando que a admiração pelo intérprete sem-

pre foi imensa. Sobre o processo de criação da canção, o compositor explica que tudo fluiu naturalmente. “O Leo me mandou uma primeira parte falando justamente do Roberto. Eu já tinha alguns sambas que falavam dele e coloquei a segunda parte. Foi um samba feito de coração, costurado com carinho, e ficou muito bonito”, contou.

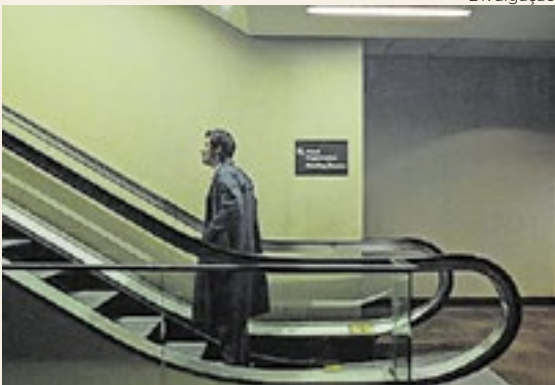
“Essa canção significa muito para mim. Além de ter uma ótima relação com a família do Roberto Ribeiro, ele é um dos maiores cantores da história do samba e uma personalidade emblemática da música brasileira”, afirma Leo Russo, ressaltando a importância de ter ao lado figuras como Mauro Diniz e Rildo Hora, responsável pelos arranjos da faixa.

Maestro consagrado e padrinho musical de Leo Russo, Rildo Hora destaca o amadurecimento do compositor e a força da homenagem. “O Leo Russo é um dos melhores cantores de samba que surgiram nos últimos tempos. Fizemos vários trabalhos juntos recentemente e eu orquestréi sambas lindíssimos dele, mas esse, dedicado ao Roberto Ribeiro, se destaca demais”, observa o maestro, que assina os arranjos do projeto.

Revelado ao grande público em 2011 como vencedor do concurso de novos talentos do Carioca da Gema, Leo Russo construiu sua trajetória apadrinhado por Beth Carvalho e Rildo Hora, convivendo desde cedo com mestres do gênero. Ao longo dos anos, recebeu reconhecimento de nomes como Chico Buarque e Zeca Pagodinho, consolidando-se como uma voz relevante na cena do samba.

UNIVERSO SINGLE

POR A F F O N S O N U N E S



Faixa, álbum e turnê

Harry Styles disponibilizou na splataformas digitais “Aperture”, single do novo álbum “Kiss All The Time. Disco, Occasionally”, com lançamento previsto para março de 2026. O quarto álbum de estúdio do cantor, produzido por Kid Harpoon, é o primeiro desde “Harry’s House”, vencedor do Grammy 2023. Com 12 faixas, o disco já está em pré-venda pela Columbia Records. O artista retorna aos palcos em 2026 com a turnê “Together, Together”, que percorrerá sete cidades com 50 apresentações entre maio e dezembro.



Na batida do samba-bossa

Dora Vergueiro lançou “Som do Sim”, single em parceria com o pai Carlinhos Vergueiro. A faixa, um samba-bossa, tem arranjo de Dirceu Leite destacando instrumentos de sopro. A formação conta com Marcio Vanderley no cavaquinho, Carlinhos 7 cordas no violão, Fernando Leitzke ao piano, Zé Luiz Maia no contrabaixo e Diego Zangado na bateria e percussão. A composição surgiu durante pesquisa da cantora para o podcast “Bossa Nova hoje e sempre”. Carlinhos Vergueiro assina a produção do trabalho da filha.



Vulnerabilidades

Alec’ lançou o EP “Dando nome aos meus monstros” pela Disrupsom via Virgin Music Group. O trabalho reúne quatro faixas - “Silêncio”, “Perda”, “Egoísmo” e “Descanso” - que abordam vulnerabilidade, trauma e cura. Com estética que mescla Boom Bap, Indie, Pop Alternativo e MPB, o projeto transforma experiências pessoais em narrativas musicais. A faixa de destaque “Silêncio” trata de dores antes não expressadas. O EP sugere uma jornada sonora introspectiva através de relatos confessionais.

A majestade azul

se reencontra com sua origem

RAFAEL LIMA

A Portela inicia sua caminhada rumo ao Carnaval 2026 mergulhando em uma das narrativas mais profundas e simbólicas da ancestralidade afro-brasileira. A azul e branca de Oswaldo Cruz e Madureira se reconecta com suas raízes, com sua gente e com sua essência, em um projeto que nasce do amor, da memória e da convicção de que tradição e futuro caminham juntos. O enredo do próximo desfile surge como expressão desse reencontro profundo, construído de dentro para fora, respeitando a ancestralidade e reafirmando a grandeza de uma escola que carrega o título de Majestade do Samba.

Intitulado “O Mistério do Príncipe do Bará: A oração do negrinho e a ressurreição de sua coroa sob o céu aberto do Rio Grande”, o enredo da Portela para 2026 levará à Marquês de Sapucaí a história de Custódio Joaquim de Almeida, liderança espiritual de origem africana que viveu no século XIX e se tornou referência fundamental na formação do batuque no Rio Grande do Sul. É um mergulho na fé, na realeza simbólica e na resistência da cultura negra no extremo sul do Brasil, resgatando uma ancestralidade pouco contada e devolvendo protagonismo a uma história marcada pela espiritualidade, pela dignidade e pela permanência dos valores africanos em solo brasileiro.

O enredo de 2026 fala de fé, de espiritualidade, de realeza negra e de sobrevivência cultural, conectando o passado ao presente com a sensibilidade que sempre caracterizou os grandes desfiles da escola. É uma escolha alinhada ao DNA portelense que entende o Carnaval como manifestação cultural, política e social, sem jamais perder a poesia e o rigor estético.

Esse projeto ganha corpo em um momento especial da escola. Desde a mudança de comando, a Portela vive um clima de união, entusiasmo e confiança. Para a vice-presidenta Nilce Fran, o atual ciclo representa um divisor de águas na história recente da Majestade do Samba. “A Portela está num momento único. Nós nos comprometemos com o melhor, com uma Portela melhor, aguerrida, apaixonada, feliz. A nossa chapa era a

Além de um enredo que brota do berço do samba, uma geração de mulheres gestoras reflete a própria história da Portela



A passista Nilce Fran tornou-se a primeira mulher e se elegeu vice-presidente da Portela e anuncia que do barracão da escola sairá um desfile inesquecível

“Esperem da Portela algo que há muitos anos não se vê. Uma escola de amor, de paixão, de alegria (...) Uma escola tem que sair campeã de dentro do barracão. E é isso que a Portela vai fazer”

NILCE FRAN

Portela Raiz porque nós estávamos trazendo o berço dessa escola e precisávamos buscar o melhor”, afirma.

Segundo Nilce, o ambiente vivido hoje no barracão é reflexo direto desse compromisso. “Um bom enredo, um bom samba, uma boa bateria, um segmento que canta, uma comunidade que canta como ninguém. O resultado não pode ser diferente”, diz, projetando uma escola preparada para emocionar do

início ao fim do desfile. A expectativa é de uma Portela que reencontre na Avenida sentimentos que marcaram seus desfiles históricos. “Esperem da Portela algo que há muitos anos não se vê. Uma escola de amor, de paixão, de alegria.”

A presença de Nilce Fran na vice-presidência carrega um peso simbólico imenso. Sua história dentro da Portela atravessa gerações, funções e segmentos. Porta-bandeira mirim ainda criança, ela

construiu uma trajetória marcada pelo respeito à tradição, à velha guarda, às mães baianas e às mulheres que sustentaram a escola ao longo do tempo. “Nós somos porque elas foram”, ressalta, ao falar da responsabilidade de ocupar um cargo histórico.

Nilce se tornou a primeira mulher vice-presidenta da Portela, preta, do samba, passista, formada dentro da própria escola. “É grandioso. Eu posso provar para cada

menina e menino que eu formei que nós somos capazes, que nós podemos com respeito, seriedade, confiança e amor”, afirma. Para ela, estar à frente da Portela não é apenas uma função administrativa, mas um compromisso espiritual e emocional. “Uma escola tem que sair campeã de dentro do barracão. E é isso que a Portela vai fazer.”

À frente da bateria, Bianca Monteiro representa a continuidade desse projeto que une cultura, educação e transformação social. Rainha de bateria há dez anos, ela é cria da Portela e carrega no discurso a vivência de quem foi formada dentro da escola. “Eu acredito no poder das escolas de samba como espaços educativos. Cheguei aqui com 14 anos e estou até hoje. Muito da minha formação está diretamente ligada à rotina da Portela”, destaca.

Bianca enxerga o samba como ferramenta concreta de mudança social. Para a diretora da “Filhos da Águia”, a escola vai muito além do desfile. “Através do samba, conseguimos manter crianças e jovens longe das ruas, das drogas e da criminalidade. O samba tem essa potência transformadora”, afirma. Como comunicadora e referência, ela entende que o título de rainha vem acompanhado de responsabilidade. “Eu tenho a obrigação de ajudar a formar uma geração melhor, usando a minha voz e a minha trajetória como exemplo.”

A relação de Bianca com a comunidade é marcada pela verdade e pelo pertencimento. “Eu sou a comunidade”, afirma com naturalidade. Para ela, o reconhecimento construído ao longo dos anos é o maior símbolo de sucesso. “Melhor do que ser rainha é ser amada.” Ao completar uma década à frente da bateria, Bianca celebra o respeito conquistado por representar a Portela de dentro para fora, com compromisso, identidade e entrega.

No Carnaval 2026, a Portela promete mais do que um desfile tecnicamente competitivo. A escola prepara uma apresentação carregada de significado, ancestralidade e emoção, conduzida por mulheres que são a própria tradução da Majestade do Samba. Uma Portela que canta, que acredita, que educa e que volta à Sapucaí para lembrar ao Brasil por que seu nome atravessa o tempo como sinônimo de história, grandeza e verdade no carnaval.

Divulgação

CRÍTICA RESTAURANTE | **BAR DA DIDA**

POR **AFFONSO NUNES**

Ancestralidade e **aconhego** à mesa

Fotos/Divulgação



Referência de culinária africana na cidade, o Bar da Dida está de casa nova. Agora na Rua do Lavradio, na efervescência da boêmia da Lapa, depois de uma trajetória de 10 anos na Praça da Bandeira, segue surpreendendo paladares com sua cozinha que une ancestralidade e aconhego. Dida Nascimento, chef e idealizadora do projeto, costuma repetir que cozinhar é a sua forma de contar histórias. Tal qual uma griô, ela transmite conhecimento, memória, saberes ancestrais e (muito) afeto com pratos que resgatam a essência e os sabores d'África, mantendo vivas práticas culinárias que atravessaram o Atlântico nos porões dos navios negreiros e se reinventaram por aqui. O uso de especiarias como o dendê, a pimenta e o gengibre, o domínio das técnicas de defumação e fermentação, e o conhecimento profundo sobre grãos, tubérculos e frutos tropicais revelam uma sofisticação gastronômica que influenciou fortemente a própria cozinha brasileira.



- 1.** Kruger (África do Sul);
- 2.** Lüderitz de Camarão e Mariscos (Namíbia);
- 3.** Carril de Camarão (Moçambique);
- 4.** Bolonho de Feijoada

O cardápio conecta receitas do continente africano à culinária afro-brasileira. Entre as entradas, o destaque é o bolinho de feijoada aberto, recheado e finalizado com couve crocante e molho de geleia de pimenta, além da empada de cogumelo, com massa fina e recheio de cogumelos reduzidos no vinho tinto. O Maria Bonita, que concorreu ao Comida di Buteco 2019, é um mini baião de dois feito com feijões vermelhos, creme de aipim e queijo coalho gratinado.

Os pratos africanos brilham no cardápio das refeições. O feijão nigeriano leva feijão-fradinho, camarão defumado, azeite de dendê e carne bovina levemente apimentada. O Lüderitz de camarão e mariscos, típico da Namíbia, combina camarões crocantes, mariscos, páprica e banana-da-terra, mix de pimentões e arroz de mariscos. O Nairóbi camarão, inspirado na culinária do Quênia, traz camarões empanados com arroz aromatizado com limão. De Moçambique vem o Carril de

Camarão com camarões salteados com alho, servidos dentro do abacaxi, acompanhados de arroz branco e farofa de dendê. O uso do próprio abacaxi na finalização adiciona frescor, perfume tropical e leveza. Há também o Kruger, uma costela suína assada, marinada em especiarias, servida com molho de goiaba apimentado e batatas rústicas, uma receita autoral da chef Dida com inspiração na culinária da África do Sul.

Entre os afro-brasileiros, destaque para o bobó de camarão cremoso, servido com arroz e farofa de dendê, e o clássico baião de dois com carne seca. E, claro, a feijoada servida às sextas-feiras.

A carta de drinks segue a mesma lógica. O Gin da Dida combina calda de tangerina com abacaxi e especiarias, zimbro, pepino, alecrim e canela defumada. O Onilê leva cachaça ouro, manjerição fresco e espuma cítrica. Já o Bahia Mule traz ginger beer, espuma cítrica e Netuno da Bahia.

SERVIÇO
DIDA BAR E RESTAURANTE
Rua do Lavradio, 192 – Lapa
De Terça a sábado (12h às 0h) e
domingos (12h às 18h)

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Ria, só ria Rio de Janeiro!

O Rio amanheceu poema: Veio ‘Der Zauberlehrling’, pura Fantasia. “Espíritos poderosos devem ser convocados apenas pelos mestres que os dominam” Goethniano. Talvez não haja em meus alfarrábios, melhor descrição para o dilúculo de hoje!

Amanheceu presságio. Amanheceu notícia internacional. “Alô, alô, Repórter Esso! Alô, Marciano!” “O Primeiro a dar as últimas e testemunha ocular da história”. O Rio amanheceu Repórter Esso! ‘I have a dream’! Era 1963. - Martin Luther King, o sonho não acabou! Talvez não tenha, ainda, começado pleno, magnânimo, talvez nunca acabe. Quem sabe, ontem foi o início de dias melhores Paratodos! Somos eternos sonhadores.

Com açúcar e muito afeto as fragatas seguiram bailando pela amplidão. Num instante de ilusão voaram, bailaram na fumaça um mundo novo, fazem um novo mundo na fumaça.

Amanheceu amor. Amanheceu solar. Caetaneou sol-lá(r). Como um índio leãozinho. Amanheceu lá em sol. Aprendiz do Futuro. Cidadão, hoje e amanhã, porque amanhã é sexta! Amanheceu Dimenstein. Dióptrico. Amanheceu filósofo cartesiano. Amanheceu... Acorda amor... Clame, chame lá, clame, chame! Shangri-lá. Montanha-passagem. Açúcar & afeto! Era um dia, era claro! É Sol, é quase primavera, já chega, quase, o dia que abriremos a janela do peito.

Quase meio! O início e, até quem sabe, o fim. O fim da noite, o meio para se chegar ao dia - madrugada, o início da atualidade! Era um canto falado! Dos pássaros que aqui gorjeiam, muito mais maviosos, que acolá, farfalhando suas asas.

E o sol; se ela mora num arranha-céu? Se equilibrava por entre as paredes, tijolo por tijolo, formava um desenho, ao mesmo tempo lógico, porque sempre foi mágico. O Sol tem alma feminina, o chamo Bia. Beatus, Beatrice, Beare, Beatriz. Representa alfa em seu nome. Phoibos. Éos, divindade.

O Sol saiu tímido através das Cumulus. Ensaçou um breve malabarismo nas encostas das montanhas Copacabaneanas, tingiu o céu em tons magenta-alaranjados-dourados.

Neerlandês. Um trem caipira, Villas, Gullares, cores Caetaneadas, preto-azulado, rosa-dourado, amarelo-orvalhado, auriverde-molhado. É dia, eu já escuto os teus sinais. É a bruma leve. Zéfiro em lufadas, límpido páramo. “Solidários, seremos união. Separados, uns dos outros, seremos pontos de vista. Juntos, alcançaremos a realização de nossos propósitos”. Amanheceu Bezerra de Menezes.

Solidários, serenos, sagrados, sacros, singelos, sial, silicata. Serenos Rio, seremos Rio!

